

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

“A MULHER NA COZINHA” E “O HOMEM NA COZINHA”: UM ESTUDO DE EVOCAÇÃO DE PALAVRAS

Felipe Gouvêa Pena (Centro Universitário de Belo Horizonte) - felipegouveap@hotmail.com
Mestre em Administração pelo CEPEAD/UFMG. Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte.

Luiz Alex Silva Saraiva (Universidade Federal de Minas Gerais) - saraiva@face.ufmg.br
Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

Contextualização

Uma história de quase 400 anos de escravidão e de patriarcado não se apaga facilmente, razão pela qual são ainda muito visíveis suas heranças hoje, no Brasil. Nosso olhar aqui se volta para a questão do gênero no cotidiano. Segundo Chies (2010), a subordinação da mulher ao homem confere ponto fixo na mentalidade da sociedade no geral, dado que a manutenção do modelo familiar do patriarcado é responsável por conferir à mulher a “responsabilidade” pelos afazeres domésticos, pelo cuidado com os filhos e com o lar (Neves, 2013). O homem tem protagonismo neste sistema de dominação, ocupando papéis de maior poder na sociedade: mesmo com a inserção profissional feminina, eles ganham mais nas mesmas profissões (Neves, 2006).

A inserção feminina no mercado de trabalho revela questões sobre papéis profissionais tidos como “masculinos” e “femininos”. Para Chies (2010, p. 509), “homens e mulheres apresentam papéis sociais amplos, determinados e, de certa maneira, universais na sociedade”, o que referencia as relações de poder existentes entre homens e mulheres. Para Daniel, Simões e Monteiro (2012), existe uma barreira à equidade entre homens e mulheres: não reconhecer as relações sociais de gênero como características de hierarquia social. Isso passa pela ideia de as mulheres desempenharem determinadas tarefas porque lhes é “natural” (Favero & Maracci, 2016) – em geral atividades que envolvem cuidado, no que se incluem as atividades domésticas. Independente de realizarem tarefas “pagas”, continuam a serem elas as responsáveis pelo lar (Villas-Boas, Oliveira & Las Heras, 2014): trata-se, portanto, de divisão sexual do trabalho.

A situação é particularmente aguda no âmbito doméstico, “uma das ocupações mais antigas de trabalho assalariado” (Angelin & Truzzi, 2015, p. 63). Ainda ligado à história escravocrata e colonialista, reflete sistemas de gênero, classe e cor, uma vez que a maioria dos postos de trabalho é ocupada por mulheres negras e pobres. Embora homens e mulheres sempre tenham estado na cozinha, “eles” se apropriaram da cozinha “pública” e “elas” foram direcionadas a cozinha “privada”. Nesses termos, nota-se um movimento contemporâneo peculiar, associado aos discursos do “*gourmet*”, que requalificam o homem no contexto da cozinha doméstica (Pena & Saraiva, 2017).

Objetivos

O objetivo neste artigo é problematizar a questão do gênero no território da cozinha e dos afazeres domésticos.

Metodologia

Esta pesquisa apresenta adota uma abordagem qualitativa. Espera-se que ele contribua para novos olhares e reflexões para o campo dos Estudos Organizacionais. A pesquisa qualitativa possui análise subjetiva, e é possível que o pesquisador, neste caso, ajuste o foco de sua pesquisa à medida que elementos novos apareçam, aprimorando, assim, seu estudo (Denzin & Lincoln, 2006). Creswell (2010) afirma que, na pesquisa do tipo qualitativa, em um primeiro momento o número de pessoas entrevistadas não é importante. Isto porque este tipo de abordagem seleciona os participantes de forma intencional, ajudando o pesquisador a entender em profundidade a questão pesquisada. O essencial para pesquisas deste tipo é a qualidade dos depoimentos coletados (Duarte, 2002). Para a presente pesquisa, foram realizadas 17 entrevistas com empregadas domésticas, donas de casa, patroas e patrões, uma vez que

experimentam as mudanças no âmbito da cozinha de formas distintas. Adotou-se a “bola de neve”, em que a escolha dos sujeitos de pesquisa se dá a partir de indicações de outros participantes, para a seleção dos sujeitos, o continuou até que os dados se mostrassem repetitivos, quando foram encerradas as entrevistas.

Todas as empregadas domésticas aqui pesquisadas trabalham, com carteira assinada, em casas de famílias de classe média alta. Também, todos os patrões podem ser considerados membros desta classe econômica. As donas de casa, por sua vez, dividem-se entre mulheres que já não trabalham fora, e cuidam exclusivamente dos afazeres domésticos, ou as que ainda trabalham, mas mantém ativos estes afazeres. Os nomes apresentados não correspondem aos verdadeiros nomes dos entrevistados, buscando, assim, reafirmar o sigilo de pesquisa. Já as categorias referentes à idade, escolaridade e a classificação em um dos três grupos (empregada, dona de casa ou patrões) se mantiveram.

Na busca pela compreensão da cozinha como território ressignificado e reapropriado, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a técnica de evocação de palavras. Esta técnica consiste na menção de certo número de palavras correlacionadas a uma expressão “indutora” específica (Vergara, 2008). A expressão apresentada inicialmente foi “a mulher na cozinha”, seguida de “o homem na cozinha”. Após lerem cada frase, os entrevistados elencaram as quatro primeiras palavras que lhes vieram à cabeça, explicando, posteriormente, os motivos que os levaram a evocá-las. A ordem dita foi considerada influenciadora dos significados, de forma a possibilitar compreender melhor a dinâmica simbólica da cozinha. Já no que diz respeito às explicações posteriores à escolha das quatro palavras, estas objetivavam entender melhor os motivos que levaram os sujeitos de pesquisa a evocá-las.

Resultados

Esta seção foi construída a partir das respostas coletadas da seguinte questão: “ao ler e/ou escutar a expressão “a mulher na cozinha” e “o homem na cozinha”, quais são as quatro primeiras palavras que vêm à sua cabeça?”. O teste de evocação de palavras não é um instrumento que permite chegar a resultados definitivos, mas ele contribui e muito para uma primeira compreensão. A defesa por uso qualitativo do método também está amparada no fato de que após elencar as quatro palavras em relação à sentença, o entrevistado foi convidado a escrever os motivos que o levaram a indicar aquelas palavras e a sua ordem específica.

A mulher na cozinha

As categorias mais citadas para a expressão “a mulher na cozinha” foram “utensílios de cozinha” e “alimentos cotidianos”. Embora ambas tenham sido evocadas nove vezes cada, a primeira se destacou pela frequência com que foi citada nas primeiras posições. Surgiram inúmeras palavras distintas, desde talheres até panelas e eletrodomésticos, como o fogão. No entanto, há de se considerar o cunho machista nessa categoria em especial, tanto nas palavras que foram citadas, quanto em algumas das explicações como a de Lucas que disse: “a mulher pilota o fogão”. A categoria dos alimentos esteve muito relacionada à dos “utensílios”, quase como um complemento imediato da maioria dos entrevistados. Essa relação diz muito do imaginário que se estabelece de que a cozinha “é o lugar da mulher”.

Outra categoria que chamou atenção foi a do “espaço feminino”. Lucas inclusive chegou a listar quatro mulheres distintas na seção das palavras, sendo “mãe”, “empregada”, “esposa” e “bisavó”, nessa ordem. Muito dessa categoria foi descrito durante as entrevistas e apresentado

nos tópicos seguintes. Cabe notar duas das explicações feitas por Henrique. Primeiro, ao evocar a expressão “dona da casa”, fez questão de sublinhar e enfatizar o uso do conectivo “da” ao invés do uso tradicional “de”. Segundo ele dizer “dona de casa” pode soar preconceituoso, já que a mulher, para ele, é o esteio da família. Ele ainda completa sua justificativa dizendo que “a sociedade brasileira é matriarcal, onde o ponto de equilíbrio de uma família se encontra em uma mulher, que deve ser forte, humana, líder e fiel. A cozinha é o local onde a mãe dá as diretrizes da casa”. Essa passagem prescreve como a mulher deve ser, as vantagens que ele vê em possuir uma esposa com essas características e a manutenção do contrato sexual do casamento descrito por Pateman (1993). Portanto, o termo “matriarcal” ganha sentidos próprios em seu discurso, silenciando o seu discurso patriarcal.

A categoria “estar em família” também foi evocada um número considerável de vezes e trouxe a tona uma perspectiva que é muito próxima dos mineiros, notoriamente conhecido como um povo que gosta de se reunir em família. Depreende-se que essa categoria surja após a expressão “a mulher na cozinha”, pois indica a relação que muitas famílias possuem com uma figura feminina na cozinha. O exemplo mais claro é a figura da avó, citada pela maioria dos entrevistados como alguém capaz de reunir toda uma família em um espaço de confraternização. Além disso, surgiram categorias como “amor”, “organização” e “realização”. Juntas essas três categorias podem ser apontadas como os principais requisitos que uma pessoa deve ter e sentir para cozinhar.

Em contraponto à categoria da “realização”, surge a categoria “trabalho”, com a representação da cozinha enquanto espaço de obrigações. Como também será visto ao longo desse capítulo, foram inúmeras as falas, algumas quase como queixas, que há um trabalho árduo na atividade da cozinha e quase nunca isso é valorizado, como dito por algumas entrevistas, que buscam em “palavras de incentivo e elogios” um motivo para continuar. Tendo em vista que a atividade estabelecida cotidianamente pelas donas de casa e empregadas domésticas não recebe a mesma importância que a de uma cozinha *gourmet*, por exemplo, surge a categoria “culinária”, como se estabelece numa relação inferior com o cozinhar. Como dito por Jorge: “quando se fala em alta gastronomia a mulher é colocada em segundo plano”. A partir disso fica implícita a relação machista que se estabelece no senso comum entre mulher e culinária, e homem e gastronomia.

Por fim, as categorias “tradição” e “preconceito” parecem se ligar para transmitir uma mensagem importante, uma vez que as explicações dizem muito sobre as razões que contribuíram para a formação de tais categorias. Jorge chegou a dizer que “como um dom, a mulher por tradição e necessidade parece vir programada geneticamente para esta função”. Fica explícita a concepção que ele possui de divisão de papéis e a explicação biológica falha que ele utiliza. Ao dizer “parece vir programada” fica refratado que para ele é impossível uma mulher não querer cozinhar. Há um forte aspecto ideológico defendido e ao mesmo tempo um silenciamento sobre os possíveis desdobramentos dessa perspectiva, já que se oculta a questão a partir da naturalização do que foi dito. Quase que como uma resposta, surge a categoria “preconceito”, sendo que a fala de Judite parece ter caído como uma “luva” em resposta ao posicionamento de Jorge. Segundo ela “ao ler a expressão ‘a mulher na cozinha’ já pensei direto na palavra preconceito, porque diz muito da minha história em que sempre ouvi que lugar de mulher é na cozinha”. Diante desses dois enunciados, não há como negar a validade dessa pesquisa, pois se ainda existem posicionamentos e queixas como as apresentadas, é sinal que ainda há muito que ser discutido e problematizado.

O homem na cozinha

Os dados do quadro 2 reforçaram tal necessidade e serviram de reflexão para muitos dos entrevistados, que se viram surpreendidos com a segunda questão “o homem na cozinha”. No momento das entrevistas, nenhum dos sujeitos de pesquisa recebeu imediatamente as duas questões. Primeiro responderam sobre “a mulher na cozinha” e apenas depois receberam o formulário com a segunda pergunta.

A palavra mais evocada e que acabou se tornando uma categoria foi “bagunça”. Várias entrevistadas citaram essa palavra e é importante considerar que ela foi evocada apenas nas duas primeiras posições, deixando ainda mais evidente a sua percepção no cotidiano. Várias entrevistadas disseram que seus maridos, pais e filhos geralmente não cozinham em casa, e quando o fazem acabam sendo desorganizados. O que fica silenciado é que na presença de tal situação, a escolha que se toma geralmente não é o questionamento pela infração, mas a apropriação da tarefa, pois em meio a tantos problemas cotidianos, “é mais fácil a mulher ir à cozinha e resolver logo a situação”.

Em comparação com a categoria “alimentos cotidianos” do quadro 1, surge a categoria “bebidas e aperitivos”. Foi muito curioso notar que até mesmo na citação dos alimentos, há uma “distribuição” conforme as premissas de apropriação da cozinha por gênero. Enquanto após a indagação “a mulher na cozinha” surgiram palavras na categoria “alimentos cotidianos” como: óleo, alho e temperos, após a expressão “o homem na cozinha” os alimentos que foram citados se referiram a aperitivos diversos e bebidas como vinho e cachaça. Não é difícil associar esses itens como alimentos práticos e sem grandes questões para a elaboração, sendo ideal para a materialização de apropriações momentâneas. Muito do que é discutido no senso comum esteve presente no grupo de palavras citadas, demonstrando que há naturalização de estereótipos até mesmo em pequenos detalhes.

Em conjunto, as categorias “machismo”, “palpite/crítica” e “apoio” indicaram algumas relações interessantes. Cinco das entrevistadas chegaram a citar a palavra “estranho” em suas explicações, para descrever a expressão “o homem na cozinha”. Fica implícito que a apropriação desse sujeito não tende a ser vista como algo real, tendendo talvez para uma total impossibilidade. Esse grupo de categorias é o resultado das considerações de grupo específico de pessoas, mas que merecem toda atenção e análise. Alice chegou a dizer que é “complicado esperar que o homem sempre ajude a esposa em casa” e Juliana disse “o homem é apenas um reforço, uma ajuda na produção”. A partir de uma análise lexical e a compreensão do percurso semântico, é sempre significativo considerar que quem se dispõe a ajudar, cria a condição para abandonar o auxílio quando desejar, e isso deve ser considerado para que eufemismos sejam evitados.

Surgiram também categorias como “profissionalismo”, “objetividade” e “necessidade”. Estas três categorias servem como diferenciadores em correspondência à posição da mulher na cozinha. Falar em profissionalismo em associação aos homens é o mesmo que dizer que se assegura a eles a condição de habitar o público, e a mulher, o privado. A categoria “objetividade” atua como adjetivo de valorização e há de se considerar que o oposto, que poderia ser “falta de foco”, fica como uma questão feminina. Já “necessidade”, talvez o item mais alarmante, serve para dizer que ao homem é dada a condição de cozinhar por conveniência, o que também não pode ser dito para muitas mulheres. Como dito por Isadora: “o homem pode até estar evoluindo, mais ainda acha que o dia a dia da cozinha é uma obrigação da mulher”.

Em complemento às considerações anteriores apresenta-se a categoria “diversão/relaxamento”. Já que não é uma “obrigação”, foi possível constatar que oito dos entrevistados entendem que os homens vão para a cozinha por “*hobby*” e isso diz muito sobre a divisão sexual do trabalho. A atividade de cozinhar, como qualquer outra, tende a ficar mais prazerosa quando você pode escolher quando, como e para quem será preparada a refeição. Como descrito por Luiza, uma das entrevistadas, “quando o homem quer cozinhar é com paixão”. Essa questão alicerça a base da argumentação que contribui para a formulação de categorias como “*inovação*”, “*chique*”, “*chef*” e “*gourmet*”. Parece que o homem surge como uma figura nova na cozinha doméstica e a sua apropriação sazonal incorpora rótulos de classificação superior, como “*chique*” e “*gourmet*”. Associar a palavra “*chef*” à expressão indutora “o homem na cozinha” representa uma valorização do responsável pela cozinha. Seria viável dizer que fica refratado que já que ao se pensar no homem na cozinha pensasse em um “*chef*”, pensar em uma mulher seria o mesmo que pensar em uma “cozinheira”?

Conclusões

A presente pesquisa buscou entender os significados atribuídos ao entendimento do que diz respeito à “mulher na cozinha” e ao “homem na cozinha”. Os resultados sugerem a cozinha como um território que evidencia o viés sexista da divisão do trabalho doméstico. Até os dias de hoje utiliza-se da “tese da naturalização” para justificar falas machistas como a de Jorge, ao dizer que a mulher parece ser “programada geneticamente” para o ato de cozinhar. Parece impossível para ele que uma mulher não queira cozinhar. Papeis de cuidado atribuídos à mulher envolvem o âmbito doméstico, e reafirmam os achados de Villas-Boas, Oliveira e Las Heras (2014) e os de Daniel, Simões e Monteiro (2012).

O colonialismo, patriarcalismo e escravismo ainda se refletem, e muito, na cultura brasileira, existindo, em vários territórios, aspectos de hierarquia e poder, que refletem a posição de poder do homem e a sua função de provedor (Hirata & Kergoat, 2007; Chies, 2010). O trabalho doméstico é menos valorizado, e isto fica evidente devido à escolha diferente das palavras evocadas no contexto da 'mulher na cozinha' e do 'homem na cozinha'. Evidenciaram-se não só questões de preconceito, ao atribuir à mulher palavras de alimentos cotidianos e utensílios de cozinha, e aos homens palavras que remetiam à diversão e apoio, como uma separação entre o espaço do cotidiano, da culinária da mulher, e o espaço de *hobby* e da gastronomia *gourmet*, dada ao homem. O estranhamento dos sujeitos de pesquisa ao ouvirem a expressão 'homem na cozinha' reforça o que foi dito anteriormente. Maridos, pais e filhos são ajudantes transitórios, pois a ajuda pode cessar a qualquer tempo. Já a obrigação, não.

Referências

- Angelin, P. E. & Truzzi, O. M. S. (2015). Patroas e adolescentes trabalhadoras domésticas: relações de trabalho, gênero e classes sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 63-76.
- Chies, P. V. (2010). Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, 18(2), 507-528.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Daniel, F., Simões, T. & Monteiro, R. (2012). Representações sociais do “envelhecer no masculino” e do “envelhecer no feminino”. *Ex Aequo*, 26, 13-26.

Denzin, N. K. & Lincoln, Y. (2006). *Pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed.

Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, 115, 139-154.

Favero, M. H. & Maracci, I. L. (2017). A interlocução de narrativas: um estudo sobre papéis de gênero. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-9.

Hirata, H. & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.

Neves, M. A. (2013). Anotações sobre trabalho e gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 43(149), 404-421.

Neves, M. A. (2006). Trabalho e gênero: permanências e desafios. *Sociedade e Cultura*, 9(2), 257-265.

Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pena, F. G. & Saraiva, L. A. S. (2017). Territórios da cozinha sob a ótica de empregadas domésticas. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 11(ed. spe.), 91-106.

Scott, J. W. (1995). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* (2a. ed.). Recife: SOS Corpo.

Vergara, S. C. (2008). *Métodos de pesquisa em administração* (3a ed.). São Paulo: Atlas.

Villas-Boas, S., Oliveira, C. S., & Las Heras, S. (2014). Tarefas domésticas e gênero: representações de estudantes do ensino superior. *Ex Aequo*, 30, 113-129.